

METODOLOGIA CIENTÍFICA: a pesquisa qualitativa nas visões de Lüdke e André

SCIENTIFIC METHODOLOGY: the qualitative research in the visions of Lüdke and André

Wallace Pereira Sant Ana¹ - IFG
Glen César Lemos² - IFG

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo compreender as visões de Lüdke e André sobre as pesquisas qualitativas e a contribuição das mesmas para o processo metodológico nos estudos científicos em educação. Para isso, o estudo traz reflexões importantes sobre pesquisa etnográfica e análise documental, bem como a discussão sobre alguns instrumentos de coleta de dados, como a observação, a análise documental e a entrevista. O trabalho foi estruturado a partir de uma revisão bibliográfica, a partir dos estudos de Lüdke e André (1986), as quais são referências na pesquisa qualitativa em educação. Concluiu-se que as pesquisas qualitativas etnográficas e documentais têm ampliado os métodos de investigação no campo educacional, contribuindo para se alcançar resultados mais satisfatórios no processo de pesquisa, bem como no fornecimento de elementos teóricos e práticos para pesquisadores, professores e estudantes em todos os níveis educacionais. Além disso, pode-se perceber o caráter social e a necessidade da pesquisa qualitativa de estar vinculada a uma problemática existente, pois a mesma alcança maior efetividade quando atende determinadas demandas sociais.

Palavras-chave: Lüdke e André. Pesquisa Qualitativa. Etnográfica. Análise Documental. Observação.

ABSTRACT

The present article aims to understand the views of Lüdke and André on qualitative research and their contribution to the methodological process in scientific studies in education. For this, the study brings important reflections on ethnographic research and documentary analysis, as well as the discussion about some instruments of data collection, such as observation, documentary analysis and interview. The work was structured from a bibliographical review, based on studies by Lüdke and André (1986), which are references in the qualitative research in education. It was concluded that qualitative ethnographic and documentary research has expanded research methods in the educational field, contributing to achieve more satisfactory results in the research process, as well as providing theoretical and practical elements for researchers, teachers and students in all educational levels. In addition, one can perceive the social character and the need of qualitative research to be linked to an existing problem, since it reaches greater effectiveness when it meets certain social demands.

Keywords: Lüdke and André. Qualitative research. Ethnographic. Documentary Analysis. Note.

DOI: 10.21920/recei72018412531541
<http://dx.doi.org/10.21920/recei72018412531541>

¹ Mestrando em Educação Profissional e Tecnológica pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás. Licenciado em Pedagogia. Pedagogo-Área do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás - Campus Uruaçu. E-mail: wallacegilvania@hotmail.com / ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0184-3064>

² Doutor em Educação Matemática. Docente do Instituto Federal, Ciência e Tecnologia de Goiás (IFG) - Campus Goiânia e do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT). E-mail: glenlemos@gmail.com / ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0618-0909>

Financiamento: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (FAPEG).

INTRODUÇÃO

Sabe-se que a pesquisa qualitativa tem se tornado nas últimas décadas uma importante ferramenta para a pesquisa social, tendo em vista sua capacidade de refletir determinados problemas sociais. Diante disso, o trabalho tem como objetivo fornecer aos pesquisadores, professores ou estudantes, subsídios teóricos e práticos relacionados às metodologias do trabalho com a pesquisa qualitativa, principalmente na área da educação, a partir dos estudos realizados por Lüdke e André (1986). Traz à discussão temas como pesquisa em educação e sua abordagem qualitativa, seus principais obstáculos e quais alternativas poderão ser utilizadas no processo de busca do conhecimento, com vistas à resolutividade de situações práticas do contexto educacional.

Para isso, o percurso teórico deste trabalho conduziu a uma reflexão sobre o conceito de pesquisa e suas diversas abordagens na vida humana e social, trazendo à tona a discussão sobre o caráter da pesquisa social e o papel do pesquisador. Realizamos a caracterização das pesquisas qualitativas participante, etnográfica, pesquisa-ação e estudo de caso, baseadas nas discussões de Lüdke e André, e de como são empregadas, inclusive citando maneiras inadequadas em suas aplicações. E, por fim, descrevemos também sobre a importância do rigor científico nos processos de investigação científica, destacando-se os principais métodos e/ou instrumentos de coleta de dados que podem ser utilizados nas pesquisas educacionais, como a observação, a entrevista e a análise documental.

O estudo tem como percurso metodológico a revisão bibliográfica, tendo em vista seu caráter documental de análise de determinados assuntos discutidos por autores influentes sobre a temática em questão. Sobre esse tipo de metodologia, Santos (2006) nos diz que a mesma

[...] tem papel fundamental no trabalho acadêmico, pois é através dela que você situa seu trabalho dentro da grande área de pesquisa da qual faz parte, contextualizando-o. [...] pode ser vista como o momento em que você situa seu trabalho, pois ao citar uma série de estudos prévios que servirão como ponto de partida para sua pesquisa, você vai “afunilando” sua discussão (SANTOS, 2006, p. 2).

Por fim, trouxemos algumas considerações para que o pesquisador, ao terminar a coleta e análise de dados, não tenha apenas um amontoado de informações difusas e irrelevantes, mas dados objetivos que validarão as abordagens qualitativas realizadas. Assim, a pesquisa, ao responder à questão inicial, terá subsídios teóricos e práticos consistentes e bem fundamentados, podendo assim contribuir para a melhoria da problemática pesquisada.

A ABORDAGEM QUALITATIVA NA PESQUISA CIENTÍFICA: A PESQUISA ETNOGRÁFICA E A ANÁLISE DOCUMENTAL

Sabe-se que a pesquisa se faz presente nas diversas esferas da sociedade – política, econômica, social, educacional –, e em diversos fenômenos e instâncias da vida social. Tem como objetivo promover e confrontar dados e informações sobre determinado assunto, a partir de um embasamento teórico sólido a respeito do objeto que está sendo pesquisado, por meio do estudo de um problema de interesse do pesquisador, proporcionando o conhecimento de aspectos da realidade e a criação de soluções para as problemáticas existentes.

No campo educacional, a pesquisa científica, numa abordagem qualitativa, tem encontrado no materialismo histórico dialético o método mais apropriado para a difusão do conhecimento social em educação, pois busca através da análise qualitativa encontrar soluções para a transformação da realidade vivenciada, tanto no plano do conhecimento como no plano

histórico-social. Nessa perspectiva, a pesquisa científica se tornou essencial para educação, tendo em vista que

Ela possibilita uma aproximação e um entendimento da realidade a investigar. A pesquisa é um processo permanentemente inacabado. Processa-se por meio de aproximações sucessivas da realidade, fornecendo-nos subsídios para uma intervenção no real. A pesquisa científica é o resultado de um inquérito ou exame minucioso, realizado com o objetivo de resolver um problema, recorrendo a procedimentos científicos (SILVEIRA; CORDOVA, 2009, p. 31).

Demo (1989) caracteriza a dinâmica social da pesquisa e do pesquisador como marcadas pelos sinais de seu tempo, de sua realidade histórica, significando, nessa perspectiva, a “[...] construção da ciência um fenômeno social por excelência” (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 2). É preciso desmistificar o conceito de pesquisa como privilégio de poucos, sendo necessária aproximá-la do cotidiano dos profissionais da educação (professores, gestores, administradores, orientadores, supervisores). Vale ressaltar, como atividade humana e social, que a pesquisa traz consigo uma carga de valores, interesses e princípios, no qual o pesquisador poderá refletir em seu trabalho de pesquisa.

Lüdke e André (1986) fazem uma crítica ao paradigma positivista. Esse tipo de pesquisa se baseia em modelos e esquemas que visam aproximar as pesquisas das ciências físicas e naturais, ou seja, vinculam-na à abordagem analítica das pesquisas educacionais, às dimensões dos fenômenos enquanto aspectos meramente quantitativos e à visão isolada dos fenômenos educacionais, no qual seus idealizadores acreditavam que somente as análises quantitativas eram suficientes para compreensão total dos fenômenos sociais e do conhecimento.

Esse tipo de direcionamento contemplava métodos experimentais, baseados em questionários aplicados à grande amostra e em coeficientes de correlação. Há, portanto, a separação entre sujeito, pesquisador e objeto (neutralidade científica), uma causalidade e fluxo linear de variáveis independentes e dependentes. Sobre o assunto, Prodanov e Freitas (2013, p. 37) consideram que

[...] parte significativa dos conhecimentos obtidos nos últimos três séculos se deve ao emprego do método experimental, que pode ser considerado como o método por excelência das ciências naturais. No entanto, assinalamos que as limitações da experimentação no campo das ciências sociais fazem com que esse método só possa ser aplicado em poucos casos, visto que situações éticas e técnicas impedem sua utilização.

Nessa perspectiva, com a evolução da ciência e da pesquisa, o estudo dos fenômenos educacionais, antes analisado isoladamente por meio de pesquisas quantitativas e analíticas, evolui e ganha novas características e abordagens. Assim, pesquisa e pesquisador passam a ter um papel ativo, com fluidez dinâmica e desenvolvimento de métodos, preocupando-se agora em encontrar possíveis soluções para os problemas relacionados ao ensino, com foco na perspectiva social e realidade histórica. Segundo as autoras, “Um dos desafios atualmente lançados à pesquisa educacional é exatamente tentar captar essa realidade dinâmica e complexa do seu objeto de estudo, em sua realização histórica” (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 05).

Surge então a abordagem qualitativa na pesquisa educacional, com o mesmo rigor científico, porém com novos métodos de investigação, principalmente para as pesquisas educacionais. Lüdke e André (1986) destacam como novas propostas a pesquisa-participante ou participativa, a pesquisa-ação, a pesquisa etnológica ou naturalista e o estudo de caso, como possíveis alternativas metodológicas para a pesquisa teórica e prática relacionadas a problemas específicos do cotidiano escolar.

Nesse sentido, se faz necessário caracterizar essas novas formas de pesquisa qualitativa – participante, etnográfica, pesquisa-ação e estudo de caso –, bem como as mesmas são empregadas, inclusive mencionar algumas maneiras inadequadas em suas aplicações e de como introduzir o rigor científico nos processos de investigação científica.

Para responder essas questões, Lüdke e André (1986) citam os estudos de Bogdan e Biklen (1982), no livro *“A pesquisa Qualitativa em Educação”*, os quais descrevem algumas características básicas da pesquisa qualitativa. Destaca-se, em primeiro lugar, a utilização do ambiente natural como fonte direta para obtenção de dados e tem no pesquisador seu principal instrumento de busca de informações. No que tange aos dados coletados, os mesmos são predominantemente descritivos, isto é, ricos em transcrições de pessoas, situações, acontecimentos, entrevistas, depoimentos, as quais subsidiarão os esclarecimentos dos pontos de vista.

Outra característica é a concepção do processo como mecanismo mais importante que o produto, ou seja, estudar o problema tem mais significado durante sua manifestação, nas diversas atividades e procedimentos de interação, do que os resultados que se originam a partir da pesquisa. Em relação ao pesquisador, tem como foco especial o significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida, buscando extrair as principais perspectivas dos participantes. Por fim, a análise de dados segue o método indutivo no processo de investigação.

Tendo em vista essas características, segundo Bogdan e Biklen apud Lüdke e André (1986, p. 13) *“A pesquisa qualitativa ou naturalista [...] envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes”*.

No início da década de 1970, os pesquisadores começaram a fazer o uso de técnicas etnográficas nas pesquisas educacionais, que até então eram utilizadas em pesquisas das áreas de antropologia e sociologia. Segundo Lüdke e André (1986, p. 16) *“[...] a abordagem etnográfica parte do princípio de que o pesquisador pode modificar os seus problemas e hipóteses durante o processo de investigação”*.

Em educação, como a ciência da descrição cultural de significados de um determinado grupo, a abordagem etnográfica se volta para o desenvolvimento do ensino e da aprendizagem num contexto cultural amplo, tendo em vista tanto fatores internos quanto externos. Tendo como foco a escola, a abordagem etnográfica se utiliza de critérios, como: o problema é descoberto no campo de pesquisa, não havendo a definição *a priori* de hipóteses; a maior parte do trabalho de campo deve ser realizada pelo pesquisador; o trabalho de campo deve durar pelo menos um ano escolar, para a compreensão das regras, costumes e convenções do grupo pesquisado; o pesquisador precisa ter experiência com outros povos e culturas; é necessário combinar vários métodos de coleta; e, por fim, o relatório deve apresentar uma grande quantidade de dados primários.

A abordagem etnográfica, tendo em vista a realidade e formas de coleta e apresentação de dados, tem como pressupostos as hipóteses naturalista-ecológica (comportamento humano influenciado pelo contexto em que se situa) e quantitativa-fenomenológica (essencialidade dos pensamentos, sentimentos e ações para compreender o comportamento humano) (LÜDKE; ANDRÉ, 1986).

O método na pesquisa etnográfica é escolhido em função do problema pesquisado, tendo como base o trabalho de campo. Sobre isso, Yin (2001, p. 30) diz que *“[...] a etnografia, em geral, exige longos períodos de tempo no “campo” e enfatiza evidências observacionais detalhadas”*. A investigação se desenvolve a partir de três etapas: exploração (seleção e definição do problema, local e contatos, e estabelecimento das primeiras observações), decisão (sistematização dos dados coletados mais importantes para compreensão do fenômeno estudado) e descoberta (explicação da realidade).

Na pesquisa, em abordagem etnográfica, o observador tem grandes desafios no exercício de sua tarefa de pesquisar, sendo necessário ter a capacidade de tolerar ambiguidades, trabalhar com responsabilidade, inspirar confiança, ser comprometido e ser autodisciplinado, ser capaz de guardar informações confidenciais, dentre outros.

Outra forma de abordagem qualitativa na pesquisa em educação é o estudo de caso. O objeto de estudo deve ser tratado como singular, único, com um valor intrínseco da realidade multidimensional e historicamente situada.

O estudo de caso consiste em coletar e analisar informações sobre determinado indivíduo, uma família, um grupo ou uma comunidade, a fim de estudar aspectos variados de sua vida, de acordo com o assunto da pesquisa. É um tipo de pesquisa qualitativa e/ou quantitativa, entendido como uma categoria de investigação que tem como objeto o estudo de uma unidade de forma aprofundada, podendo tratar-se de um sujeito, de um grupo de pessoas, de uma comunidade etc. São necessários alguns requisitos básicos para sua realização, entre os quais, severidade, objetividade, originalidade e coerência (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 60).

O objeto de estudo deve ser bem delimitado, pois carrega em si um interesse próprio e particular. Em seu processo de desenvolvimento, destacam-se como características e princípios: visa à descoberta; enfatiza a “interpretação em contexto”; retrata a realidade de forma completa e profunda; usa uma variedade de fontes de informação; revela experiências vicárias e permitem generalizações naturalistas; representa os diferentes pontos de vista presentes na situação social; e utiliza uma linguagem mais acessível nos relatos do estudo de caso.

Um estudo de caso pode ser caracterizado como um estudo de uma entidade bem definida como um programa, uma instituição, um sistema educativo, uma pessoa, ou uma unidade social. Visa conhecer em profundidade o como e o porquê de uma determinada situação que se supõe ser única em muitos aspectos, procurando descobrir o que há nela de mais essencial e característico. O pesquisador não pretende intervir sobre o objeto a ser estudado, mas revelá-lo tal como ele o percebe. O estudo de caso pode decorrer de acordo com uma perspectiva interpretativa, que procura compreender como é o mundo do ponto de vista dos participantes, ou uma perspectiva pragmática, que visa simplesmente apresentar uma perspectiva global, tanto quanto possível completa e coerente, do objeto de estudo do ponto de vista do investigador (FONSECA, 2002, p. 33).

O desenvolvimento do estudo de caso acontece em três fases: exploratória, partindo de questões ou pontos críticos iniciais para se chegar a uma definição mais precisa do objeto de estudo; delimitação do estudo, correspondente à coleta sistemática de informações, por meio de instrumentos estruturados e técnicas variadas; e análise sistemática e elaboração do relatório, ou seja, a análise das informações e sua disponibilidade para as reações e acuidade do que é relatado.

A seguir, destacaremos a observação, a entrevista e a análise documental, métodos e/ou instrumentos de coleta de dados que podem ser utilizados nas pesquisas qualitativas. Descrevemos também, em breves palavras, sobre a importância do rigor científico nos processos de investigação científica, bem como alguns cuidados necessários ao pesquisador durante o percurso da pesquisa e da análise dos dados.

ALGUNS INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS NA PESQUISA QUALITATIVA: A OBSERVAÇÃO, A ANÁLISE DOCUMENTAL E A ENTREVISTA

Na pesquisa científica, numa abordagem qualitativa, faz-se necessário também compreender os passos de utilização dos principais métodos e/ou instrumentos de coleta de

dados que podem ser utilizados nas pesquisas educacionais, sendo os principais: a observação, a entrevista e a análise documental.

A observação é um instrumento de coleta de dados que necessita, primeiramente, ser controlada e sistemática para que se torne um mecanismo válido de investigação científica. Sobre esse aspecto, Gil (2008, p. 16) diz que “Por um lado, pode ser considerado como o mais primitivo e, conseqüentemente, o mais impreciso. Mas, por outro lado, pode ser tido como um dos mais modernos, visto ser o que possibilita o mais elevado grau de precisão nas ciências sociais”.

Na abordagem qualitativa, as técnicas de observação são usadas como principal método de investigação, pois possibilita o contato pessoal e estreito do pesquisador com o fenômeno pesquisado, para que chegue o mais perto possível da “perspectiva dos sujeitos”.

É uma técnica que faz uso dos sentidos para a apreensão de determinados aspectos da realidade. Ela consiste em ver, ouvir e examinar os fatos, os fenômenos que se pretende investigar. A técnica da observação desempenha importante papel no contexto da descoberta e obriga o investigador a ter um contato mais próximo com o objeto de estudo (GERHARDT et al, 2009, p. 74).

A primeira fase da observação é a delimitação do objeto de estudo, a partir de um preparo material, físico, intelectual e psicológico. Durante as observações, o grau de participação auferido pelo pesquisador, ou seja, a explicitação do seu papel e os propósitos da pesquisa vai desde a imersão total ao extremo distanciamento do objeto pesquisado.

Em relação ao grau de participação no trabalho de pesquisa, Junker (1971) apud Lüdke e André (1986) situa o pesquisador em quatro pontos: o participante total (o observador torna-se membro do grupo, mas não revela sua identidade de pesquisador); o participante como pesquisador (não oculta totalmente suas atividades, mas revela apenas parte do que pretende); observador como participante (identidade e objetivos são revelados ao grupo pesquisado desde o início) e observador total (o pesquisador não interage com o grupo pesquisado).

Quanto à duração e permanência do pesquisador em campo, Lüdke e André (1986, p. 29) dizem que “[...] os estudos da área da educação têm sido muito mais curtos”, porém o período de observação dependerá do tipo de problema que está sendo pesquisado.

Quanto ao conteúdo das observações, a coleta de dados envolve uma parte descritiva e outra reflexiva. Em relação à parte descritiva, o registro detalhado que ocorre no campo é compreendido pela descrição dos sujeitos, locais, eventos especiais e atividades, a reconstrução de diálogos e o comportamento do observador. A parte reflexiva inclui as observações pessoais, especulações, sentimentos, decepções, que se manifestam de várias maneiras, por meio de reflexões analíticas e metodológicas, dilemas éticos e conflitos, mudanças de perspectiva do observador e outros esclarecimentos necessários.

No registro das observações, podemos fazer a seguinte indagação: Quando, como e onde fazer o registro escrito das observações? Mesmo sabendo que há vários tipos e formas de registrar as informações obtidas nas observações, Lüdke e André (1986) abordam apenas o registro escrito, por ser utilizado com maior frequência nas pesquisas educacionais. As anotações devem ser feitas o mais próximo possível do momento dos acontecimentos, com muita acuidade.

É necessário destacar que o tipo de suporte para o registro das informações dependerá de qual modalidade de observação será empregada na investigação científica (assistemática, sistemática, participante, não-participante, individual, em equipe, vida real e laboratorial), variando de acordo com as circunstâncias. O suporte para o registro também vai depender do método, do grau e do tipo de abordagem do pesquisador. A forma de registrar também pode variar, dependendo da situação específica de observação (LÜDKE; ANDRÉ, 1986).

No século XXI, é importante ressaltar também que os registros das informações nas pesquisas que utilizam a observação como instrumento de coleta de dados evoluíram, sendo

frequentemente utilizados os suportes digitais. Assim, além dos recursos citados na obra de Lüdke e André (1986)³, podemos perceber que, atualmente, a utilização de meios tecnológicos como notebooks, tablets, filmadoras, gravadores, tem se tornado frequentes para a obtenção de dados nas observações. Desse modo, a observação, segundo Prodanov e Freitas (2013, p. 103), deve

[...] servir a um objetivo preestabelecido de pesquisa; ser planejada; ser registrada de forma sistemática; ser passível de verificação quanto ao seu grau de precisão (o que pode ser feito, por exemplo, pelo confronto de vários observadores ou *através do uso de meios tecnológicos, como a gravação*). (Grifo nosso).

A entrevista é outro instrumento básico que pode ser utilizado para a coleta de dados, com enorme utilidade para a pesquisa educacional. Tem caráter de interação, criando uma relação recíproca entre quem pergunta e quem responde, permitindo a captação imediata e corrente das informações. Sobre a entrevista, Prodanov e Freitas (2013, p. 106) afirmam que a mesma é “[...] sempre realizada face a face (entrevistador mais entrevistado); também pode ou não ser realizada com base em um roteiro de questões preestabelecidas e até mesmo impressas, [...]”.

Ainda sobre a entrevista, Gerhardt et al (2009, p. 72) esse instrumento de coleta de dados como:

[...] uma técnica alternativa para se coletarem dados não documentados sobre determinado tema. É uma técnica de interação social, uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca obter dados, e a outra se apresenta como fonte de informação. A entrevista pode ter caráter exploratório ou ser uma coleta de informações. A de caráter exploratório é relativamente estruturada; já a de coleta de informações é altamente estruturada.

A estrutura de uma entrevista pode realizada de três formas: estruturada, não estruturada ou aberto e semiestruturada. A escolha dependerá da liberdade ou restrição no percurso comunicacional entre entrevistador e entrevistado. Gerhardt et al (2009) a descrevem da seguinte forma:

Entrevista estruturada: Na entrevista estruturada, segue-se um roteiro previamente estabelecido, as perguntas são predeterminadas. O objetivo é obter diferentes respostas à mesma pergunta, possibilitando que sejam comparadas. O entrevistador não tem liberdade. **Entrevista semiestruturada:** O pesquisador organiza um conjunto de questões (roteiro) sobre o tema que está sendo estudado, mas permite, e às vezes até incentiva, que o entrevistado fale livremente sobre assuntos que vão surgindo como desdobramentos do tema principal. **Entrevista não-estruturada:** [...] o entrevistado é solicitado a falar livremente a respeito do tema pesquisado. Ela busca a visão geral do tema. É recomendada nos estudos exploratórios (GERHARDT et al, 2009, p. 72, grifo nosso).

O uso de um roteiro para guiar a entrevista também é importante. A capacidade de ouvir, a estimulação para um fluxo natural de informações, os cuidados com as respostas são características essenciais para se preservar a cultura e os valores dos entrevistados. Gerhardt, Ramos e Santos (2009) destacam que o roteiro é o instrumento onde consta os tópicos ou questões que entrevistador deve seguir durante a entrevista. Ainda segundo as mesmas autoras,

³ O suporte também é variado, podendo as anotações ser feitas em papel de tamanho pequeno, fichários ou folhas avulsas (LÜDKE; ANDRÉ, 1986).

Isso permite uma flexibilidade quanto à ordem ao propor as questões, originando variedade de respostas ou até mesmo outras questões. Na elaboração do roteiro, deve-se levar em consideração: a distribuição do tempo para cada área ou assunto; a formulação de perguntas cujas respostas possam ser descritivas e analíticas, para evitar respostas dicotômicas (sim/não); a atenção para manter o controle dos objetivos a serem atingidos, para evitar que o entrevistado extrapole o tema proposto (GERHARDT et al, 2009, p. 73).

É importante salientar também que o registro dos dados pode ser realizado através de gravação direta ou anotações durante a entrevista, sendo que cada um desses mecanismos tem seus aspectos positivos e negativos, e sua utilização dependerá do estilo de cada entrevistador.

A análise documental é outra técnica exploratória utilizada para a coleta de dados qualitativos nas pesquisas educacionais. Segundo Phillips (1974, p. 187), documentos são “[...] quaisquer materiais escritos que possam ser usados como fonte de informação sobre o comportamento humano”. Dentre os tipos de documentos que são considerados na análise documental destacam-se as leis, regulamentos, normas, pareceres, memorandos, diários pessoais, autobiografias, jornais, revistas, livros, arquivos escolares, entre outros (LÜDKE, 1986).

A análise documental tem como finalidade identificar informações pontuais nos documentos a partir de questões ou hipóteses de interesse. Dentre as principais vantagens destacam-se por ser uma fonte estável e rica, dando maior estabilidade aos resultados; podem extrair evidências que fundamentam as afirmações do pesquisador; tem um custo baixo; e por fim, é uma fonte não-reativa. “A “análise documental” é outro tipo de estudo descritivo que fornece ao investigador a possibilidade de reunir uma grande quantidade de informação sobre leis estaduais de educação, processos e condições escolares, planos de estudo, requisitos de ingresso, livros-texto etc” (TRIVIÑOS, 1987, p. 111).

A análise documental é utilizada a partir de três situações básicas: quando o acesso aos dados é problemático, seja por limitações de deslocamento ou por morte do sujeito da investigação; quando se busca ratificar informações por outras técnicas de coleta (entrevista, questionário, observação); e/ou quando o entrevistador tem como interesse estudar o problema, tendo em vista a própria expressão dos indivíduos.

Os mecanismos para utilização dos procedimentos metodológicos levam em conta: a caracterização do tipo de documento utilizado na pesquisa, isto é, se o documento é oficial, técnico ou pessoal; o método de investigação do conteúdo, que tem início com a decisão da unidade de análise; o método de codificação, que dependerá da natureza do problema, do suporte teórico adquirido; e as questões específicas da pesquisa.

A pesquisa documental recorre a fontes mais diversificadas e dispersas, sem tratamento analítico, tais como: tabelas estatísticas, jornais, revistas, relatórios, documentos oficiais, cartas, filmes, fotografias, pinturas, tapeçarias, relatórios de empresas, vídeos de programas de televisão, etc (FONSECA, 2002, p. 32).

A análise dos dados é a ação de descreverá sistematicamente os mecanismos de coleta de dados abordados anteriormente. Ela leva em consideração a sistematização e coerência do percurso escolhido para o estudo. Depois de decidir o tipo de codificação, são feitos os registros, através de anotações, esquemas, diagramas, dentre outros. Para se formar referencial teórico consistente, deve-se levar em consideração o exame dos aspectos recorrentes no material; a avaliação das categorias, formadas a partir dos dados; a obtenção de um conjunto inicial de categorias, por meio de um processo convergente; o aprofundamento, a ligação e a ampliação através de um processo divergente; e a identificação de elementos emergentes que necessitam de aprofundamento.

Sobre a análise de dados, Quivy & Campenhoudt (1995, p. 243)⁴ a definem como:

[...] a etapa que faz o tratamento das informações obtidas pela coleta de dados para apresentá-la de forma a poder comparar os resultados esperados pelas hipóteses. No cenário de uma análise de dados quantitativos, essa etapa compreende três operações. Entretanto, os princípios deste método podem ser transpostos, em grande parte, a outros tipos de métodos. A primeira operação consiste em descrever os dados. Isso remete, por um lado, a apresentá-los (agregados ou não) sob a forma requerida pelas variáveis implicadas nas hipóteses e, por outro lado, de apresentá-los de forma que as características dessas variáveis sejam evidenciadas pela descrição. A segunda operação consiste em mensurar as relações entre as variáveis, da maneira como essas relações foram previstas pelas hipóteses. A terceira operação consiste em comparar as relações observadas com as relações teoricamente esperadas pela hipótese e mensurar o distanciamento entre elas. Se o distanciamento é nulo ou muito pequeno, pode-se concluir que a hipótese está confirmada; caso contrário, será preciso examinar de onde provém esse distanciamento e tirar as conclusões apropriadas. Os principais métodos de análise das informações são a análise estatística dos dados (método quantitativo) e a análise de conteúdo (método qualitativo).

No que se refere à análise de dados, à objetividade e à validade das pesquisas qualitativas, Lüdke e André (1986) fazem algumas considerações para que o pesquisador, ao terminar a coleta e análise de dados, não tenha apenas um amontoado de informações difusas e irrelevantes, mas dados objetivos que validarão as abordagens qualitativas realizadas.

Para isso, ainda segundo as autoras, é preciso que o pesquisador esteja atento a alguns procedimentos, como: delimitação do objeto e do tema de estudo (situação dos sujeitos no contexto e focos específicos de investigação); formação de questões analíticas (articulação entre pressupostos teóricos e a realidade concreta); revisão de literatura (relacionar as descobertas encontradas durante os estudos com as já existentes); testagem das ideias junto aos sujeitos (tornar sujeitos da pesquisa como informantes); e o uso extensivo de comentários, observações e especulações ao longo da coleta (registro de observações, sentimentos e especulações).

A análise de dados também deve levar em conta algumas direções teóricas do estudo. Primeiramente, a construção de um conjunto de categorias descritivas, formuladas a partir de uma leitura sistemática do conteúdo, para classificar, de acordo com os conceitos mais abrangentes, as informações que comporão a apresentação de dados. A classificação e organização dos dados é a fase mais complexa da análise. O pesquisador deve se utilizar da categorização, com vistas num esforço de abstração, para estabelecer conexões e relações que possibilitam a proposição de novas explicações e interpretações (LÜDKE; ANDRÉ, 1986).

Ainda segundo essas autoras, o uso das abordagens qualitativas também pode apresentar alguns problemas éticos, metodológicos e políticos, consequência da relação estreita entre pesquisador e grupo pesquisado. Um dos problemas é quando o observador decide não revelar sua identidade de pesquisador, o que pode provocar um sentimento de invasão de privacidade aos sujeitos pesquisados. A solicitação de consentimento é a forma mais adequada para contornar esse problema. Outro aspecto citado é a manipulação dos sujeitos sem autorização, o que pode acarretar em atitudes de resistência e, conseqüentemente, efeitos na objetividade e na validade dos estudos.

Outro problema é a garantia de sigilo das informações. É preciso garantir aos sujeitos o anonimato, sendo utilizado como medida o uso de nomes fictícios no relato. É importante salientar também o controle da publicidade das informações, ou seja, quais informações podem ou não ser tornadas públicas.

⁴ As citações da obra de Quivy & Campenhoudt (1995) apresentadas neste artigo foram traduzidas por Tatiana Engel Gerhardt

A vantagem de manter a identidade do entrevistado em sigilo é que, como ele não vai estar formalmente ou publicamente associado à pesquisa, ele pode se sentir em uma posição mais confortável e segura que lhe dará mais liberdade para falar. Dependendo do conteúdo da pesquisa, esta pode ser uma estratégia essencial, caso contrário o pesquisador não conseguirá se aprofundar no caso por receio do entrevistado em lhe fornecer determinadas informações (GUERRA, 2010, p. 6).

Percebe-se, a partir das questões levantadas, que a subjetividade do pesquisador é uma característica frequente das abordagens qualitativas, requerendo do mesmo uma postura equilibrada e transparente de intensa interação e comunicação com os indivíduos pesquisados. Além disso, os métodos e procedimentos devem ser explícitos aos participantes, mantendo uma atitude flexível e aberta, o que pode acarretar na validade mais eficaz da pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se concluir que as pesquisas qualitativas proporcionam ao pesquisador uma melhor visão sobre determinado contexto e/ou problema. Essa metodologia de pesquisa não-estruturada e exploratória baseia-se em pequenas amostras, que proporciona percepções e concepções iniciais para o problema de pesquisa. Seus dados podem ser observados através de dados primários e secundários, sendo os primeiros analisados de forma qualitativa e quantitativa.

Ao refletir sobre os instrumentos de dados da pesquisa etnográfica e da análise documental, notou-se a relevância de técnicas de coleta de dados para a eficiência na análise dos dados da pesquisa, visto que esses instrumentos (observação, entrevista, análise documental), estimulando os entrevistados a pensarem livremente sobre o objeto da pesquisa, fornecendo novas ideias e possuindo características fundamentais para a obtenção de dados, que subsidiarão o referencial teórico das pesquisas qualitativas.

Lüdke e André (1986) trazem, portanto, contribuições significativas para a metodologia científica no contexto da pesquisa educacional, por meio de importantes discussões sobre a pesquisa etnográfica e documental, bem como detalhando alguns métodos de obtenção de dados, contribuindo assim para a organização do processo metodológico de pesquisadores na área da educação.

Ao compreender as contribuições das ideias de Lüdke e André para a pesquisa educativa, torna-se fundamental ao pesquisador relacionar os conceitos abordados, trazendo-os à atualidade. Fazendo uma reflexão mais atual sobre o tema, podemos incluir algumas contribuições à obra de Lüdke e André (1986), como a importância de reconstruir os próprios instrumentos de coleta de dados, pois a constante evolução da pesquisa educacional nos remete no campo científico a busca de melhoria dos tipos e instrumentos da pesquisa qualitativa. Isto não significa revogar as contribuições das autoras, mas partir delas para se construir práxis metodológica da pesquisa social.

Acreditamos que a pesquisa qualitativa no campo da educação é uma ferramenta necessária, porém ainda pouco aproveitada na educação básica. Assim, esperamos que as discussões aqui realizadas possam alcançar os professores desse nível educacional e que essa aproximação da pesquisa educacional com o contexto da sala de aula seja mais frequente, e que os métodos qualitativos estejam mais presentes nas pesquisas educacionais.

REFERÊNCIAS

DEMO, Pedro. *Metodologia Científica em Ciências Sociais*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1989.

FONSECA, J. J. S. *Metodologia da pesquisa científica*. Fortaleza: UEC, 2002.

GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GERHARDT, Tatiana Engel, et al. Estrutura do projeto de pesquisa. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. *Métodos de pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GUERRA, João Henrique Lopes. *Proposta de um protocolo para estudo de caso em pesquisas qualitativas*. XXX Encontro Nacional de Engenharia da Produção. Maturidade e desafios da Engenharia de Produção: competitividade das empresas, condições de trabalho, meio ambiente. São Carlos, Brasil, 12 a 15 out. 2010.

QUIVY, R.; CAMPENHOUDT, L. V. *Manuel de recherche en sciences sociales*. Paris: Dunod, 1995.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. *Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1986.

PHILLIPS, B. S. *Pesquisa Social*. Rio de Janeiro: Agir, 1974.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SANTOS, Luiz Fernando Amaral dos. *Apostila Metodologia da Pesquisa Científica II*. Faculdade Metodista de Itapeva, 2006.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CORDOVA, Fernanda Peixoto. A pesquisa científica. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. *Métodos de pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

YIN, R. K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

Submetido em: Abril de 2018.

Aprovado em: Outubro de 2018.